

NARRAC,AM POETICA

EM QUE

SE DESCREVE O APARATO

D O

REAL ESTADO

COM QUE AS MAGESTADES DOS SERENISSIMOS

REYS DE PORTUGAL

D. JOAM V.

D. MARIANNA
DE AUSTRIA

ENTRARAM NA MUYTO NOBRE,

& sempre leal Villa de Santarem.

DEDICADA

Ao Reverendissimo Senhor Doutor

OP. ANTONIO REBELLO

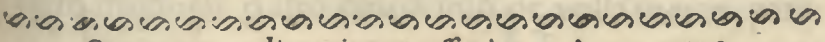
E CERVEYRA,

POR FELIX DA SYLVA FREYRE

Natural de Santarem.

LISBOA.

Na Officina De BERNARDO DA COSTA.



Com todas as licencias necessarias. Anno 1713.

Conf.

711.21

NARRACAO POETICA

EM QUE

SE DESCRIVE O ACATATO

REAL ESTADO

COM QUEAS MAGESTADES DOS SERENISSIMOS

REYS DE PORTUGAL

D. JOAQUIM V.

D. MARIANA

DE AUSTRIA

ENTRARAM NA MUYTO NOBRE

& Imperial Villa de Sanceren.

Dedicada

AO Reverendissimo Senhor Doutor

OP. ANTONIO REBELLO

F. GERVYRA

POR FELIX DA SILVA FREYRE

Natural de Sanceren.

LISBOA.

Officina De BERNARDO DA COSTA

Com todas as licençias necessarias. Anno 1713.

DEDICATORIA
Ao Reverendissimo S. Doutor
OP. ANTONIO REBELLO
& Cerveyra.



AL podem as flores brilhar, sem participa-
rem dos rayos do Sol, nem a roza pudera ras-
gar brilhantes purpuras, nem o jasmim afectar
candidos desmayos; pois como podiam estas

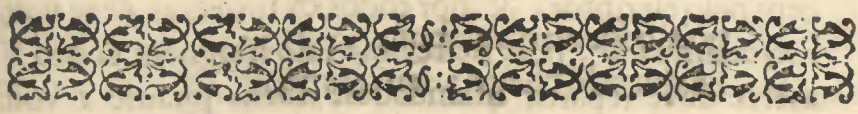
do Parnazo acreditar verduras na primavera de meus
tenros annos, sem serem illustradas dos rayos de taõ al-
ta protecção. Na concha se conjela a perola, mas ajuda a
o mar a produzilla: Mal póde a não navegar, sem a fa-
vorecer o vento. Este pequeno baixel ja não teme cor-
tar os mares da censura por sentir lhe abaterá a soberba a
invocação, aonde acha o melhor norte para correr o mû-
do; Olha o mesmo para vossa merce não se conhece ma-
pa, porque não ouve grandeza, a que servisse de estam-
pa, que lhe não sobejasse quadro; porèm como a de V.
merce o enobrece todo, desmaya o campo com os real-
ces da nobilissima imagem; & ainda sospirara por mais
mûdos, se vossa merce a não deixàra limitar em taõ larga
copia. Se a Reaes elogios se busca illustre amparo, he
acerto implorar o alto patrocínio de vossa merce; para-
que

que assim mereção estas obras o credito que desmere-
cem pelo escriptor ; & por todos os titulos as deve vossa
merce amparar , pois neste obsequio ninguem como V.
merce deve repartir ufanidades. Deos guarde a vossa
merce por largos annos. Santarem em 23. de Fevereiro
de 1713.

O mais fiel criado de V. M.

Felix da Sylva Freire.

EM-



EN LOUVOR DO AUTOR

De hum seu amigo

ROMANCE.

C Aliope, hoje te invoco,
dame inspiraçoens, que quero
cantar em subido estilo,
de quem tam alto contemplo:

Dame influencias divinas,
desse muzal Firmamento,
que só com rayos de Apollo
será luzido & discreto.

Olha que humilde te rogo,
pois he conceyto muy certo,
que sempre rogos humildes
tiveraõ sublimes meritos.

Valeme pois Caliope
no louvor como desejo,

(6)

pois o socorro melhor,
he quando chega a seu tempo.

⁵
Quizera Sylva louvarte,
mas meu louvor considero
que possa por diminuto,
desdourar a teu engenho.

⁶
Mas com tudo, em teu aplauso
meu discurso dizenterro,
pois ha muytos sóes que está
sepultado no silencio.

⁷
Em que papel caber póde
louvor a teu raro engenho,
feraõ louvores sem fim,
pois teu saber não faz termo.

⁸
Quem vir a empreza Real
descripta em teu sabio pl. tro,
hade ver Acabalina
esgotada nos conceitos.

⁹
As correntes de Aganipe
(sonoroso) tens suspenso,
pois mais correntes que o Nillo
o confeito enunda o verso.

Apollo

(7)

10

Apollo já no Parnazo
semulacro te teni feyto,
porque só sabedorias
no Parnazo tem acento.

11

Tambem vejo que prepara
flores o coro noveno,
que de era, & frondozo lavro
te estaõ grinalda tecendo.

12

Se Amphiom, tudo atrahio
com seu sonoro instrumento,
à tua lyra Amphiom
a sua postra suspenso.

13

Nos hombros da eternidade
para ti, fundaste templo,
servindo teu claro nome
a fundação de Epiteto.

14

Tambem nas aras da fama
ficará teu nome eterno,
a qual com lingoas de prata
clamarà de ti progressos.

YO

Por

15

Por mais que discurse Sylva
em teu louvor claro vejo
que o elogio melhor,
tens em teu felis engenho.



YO

Por



O Y T A V A S

1

Suspenda o sacro Apollo de ouro a lyra,
 Dé impulso a meus rasgos, pois que intento
 Semetrico furor hoje me inspira
 Nova estrella estampar no firmamento:
 Sobre os templos da fama immortal pira.
 Contra as violencias rapidas do vento,
 Voe o estillo nas azas da Camena,
 E leve até o Parnazo a humilde pena.

2

Manda Neptuno no cristal undoso
 Chamar Thetis acandida morada,
 Mensageiro Delfim vai obsequiozo
 Levar a bella Dama esta embayxada
 Ouve Thetis o ecco sonorozo
 Corre a ver quem a chama asclerada,
 A sala do que furias doma o fogo
 (lhe diz o mensageiro) corre logo.

A 3

3 A

3

A cerulea Deidade as Ninfas chama,
 Com transparente adorno vem sahindo,
 Dos apoentos, donde menos brama
 todo o mar quando Eolo o está ferindo:
 Com perolas a mais luzida Dama
 De Thetis a garganta está singindo,
 Que entre brancura tanta, confundidas
 Ou ficam ilustradas, ou vencidas.

4

Com as tagides Thetis celebrada
 Vay as ondas ceruleas apartando,
 Já com garboza gala alvoroçada
 Na Neptunina fala vay entrando:
 Recbea o Deos que em frigida morada
 No trono cristalino está reinando,
 Senta-se Thetis, & Neptuno forte
 Bate o tridente fala desta sorte.

5

A Rainha daquelles, que a rogantes
 Não fugeitão o nome a dura morte,
 Fiar intenta as ondas vacilantes
 Do Tejo de ouro a mais preciosa forte:
 Das aguas as violencias repunantes
 Do temerario vento o impulso forte:
 Ao seu supremo imperio reverentes
 Se fogueitem amantes, & obedientes.

(11)

6

Alegre Thetis, & o cristal pizando
 Salta na praya com destreza rara;
 Já o Regio baxel faz murmurando
 Ir com línguas de prata a neve clara:
 O' tu do bargantim que vás cortando
 Esta regiam de neve hum pouco pára,
 [Clama Thetis] atendeme propicio,
 Que inda entre as ondas arde hum sacraficio.

7

Diante da Rainha sublimada
 Fala Thetis postrada, & reverente,
 Dizendo que a seus pés era mandada
 Pelo Deos desse imperio transparente:
 Que em obsequioza ley tem enfreada
 Quanta tormenta move o seu tridente,
 E lhe tributa oyro, & pedras finas
 Com que as salas adorna cristalinas.

8

Abrem-se logo as humidias entranhas,
 De Thetis recolhendo a companhia,
 Soa clamor, das liquidas campanhas
 O ar no mesmo tom lhe respondia:
 Dos bargantins as invenções estranhas
 Competem no obsequio, & na porfia,
 Hia o concavo pano o vento inchando,
 Que no mar o baxel faz ir voando.

9 Trin-

9

Trinta & sete baxeis o espelho fino,
 Que as estrellas retrata vem quebrando,
 E desfarçando a injuria o cristalino
 Logo apenas lhe tocam vai cantando:
 Nunca baxel de escamas Neptunino
 Se vio taõ crespo mar andar cortando
 Como de bargantins andaõ milhares
 Exalaçoens pelo Zafir dos mares.

10

Mas já no vago solio a regia estrella
 Sobre as ondas do mar aparecia,
 Tam luzida, & brilhante, que só nella
 Não sey se humano ser se desmentia:
 E parece que o Sol vendoa taõ bella
 Em rebuços de nuvem se escondia,
 Mas quando ao Orbe negue o Sol ardores
 Restetuiem dous soes os resplandores

11

Chega à terra o baxel, & a flor Rainha
 Na dourada carroça vai entrando,
 Para o regio Palacio já caminha
 Quando de Phebo a luz hia espirando;
 Seguindo tanta luz a gente vinha
 Alternativos vivas aclamando,
 Até que no Palacio sublimado
 A Magestade rara tinha entrado.

(13)

12

Era na estação fria quando Eolo
 Com mais furor, que nunca embravecido
 Soprava os rayos desse louro Apollo
 Por ver seu resplendor menos luzido:
 Chega o Rey que de hum pollo a outro pollo,
 Mais que Cesar tem nome esclarecido,
 Pois a seus regios pés em toda a parte
 A lança, & o escudo postra o irado Marte.

13

Vinhaõ tocando compulido estudo
 De Anpheoens a diante quatro pares,
 E o ar ferido do seu som agudo
 Suavizava a regiam dos vagos ares:
 Seja q teu canto Orpheo silencio mudo
 Deyxa a armonica lyra, & se a tocares
 Seja por comparar tanta cadencia
 Augmentando a victoria à competencia.

14

Quatro timbales do metal mais fino,
 Que a cor imitam a da eburnea lua,
 Fazem sonido igual ao som divino:
 Que enfunde esforço nos dà guerra crua:
 Qual refulgente a zul a diamantino,
 Que à India emproduzir tal continua
 Luzem das tubas abronida prata,
 Quando nellas o Sol rayos desata.

A4

Se-

15

Segue-se a pompa do Real estado
 Aparato gentil, resplandecente,
 Por porteyrô da cana o cargo honrado
 Principia da casa a Illustre gente:
 Quem serão os que em braços tem deitado
 Doze Ceptros de prata, refulgente,
 Que da olimpica sala lhas empulam?
 Os porteiros da massa se intetulam.

16

Com ricas oppas do Real tesouro
 De fino ouro por destra mão lavrado
 Os Reys de armas se vem, que sem defdouro
 Lhes vem pendente do hombro agigantado:
 Por mais que a Arabia se desfaca em ouro
 Por mais que perlas crie o mar irado,
 Do preço louro o computo notavel
 Sempre o deste será inimitavel.

17

Quem São estes que vem sem vir cingidos
 Do rayo Porruguez, que teme Marte?
 Ufanos personagens, que influidos
 No Regio culto com graça, engenho, & arte:
 De lans, & finas sedas revestidos
 Perfilados por huma, & outra parte,
 Moços da Camera são parecena fellos
 Para os rayos do Sol tantos modelos.

18 Mais

(15)

18

Mais não brilha de Flora o ornamento
 Sendo da luz solar em nobrecido,
 Zephiro passa treme modulento
 A purpurea roza, & o jasmim pulido:
 Depois que Aurora nesse ethereo acento
 Os palacios franquea ao Sol luzido,
 O Ruyzenhor está com melodia
 Alviçaras do Sol pedindo ao dia.

19

Como brilha da esquádra, que se segue
 A rara proporção da fidalguia,
 Descendentes daquelles a que entregue
 Fora (se o intentáraõ) toda a Berberia:
 Espanha, Italia, França, nenhum negue,
 Que quando a espada cada qual brandia,
 Com esforço ao seu Rey derão mais gloria
 Que de Alexandre conta a larga historia

20

Quadrupede bruto animado rayo,
 Mais que o Bufefalo de Alexandre invicto
 Oprime aquelle, que faltal desmayo
 Póde dar ao que guarda o antigo rito:
 Soberano se obstenta en Regio ensayo
 Cavaleiro entre todos mais perito
 JOAM Augusto Rey dos Luzitanos,
 Susto de Aquilles, horror dos Mauritanos.

21 Vem

21

Vem vestido da cor, que oyro mais fino
 Pede para matiz na brilhante obra,
 Vem abotoado do metal divino,
 Que os quilates de Phebo ardente cobra:
 Lavrados por engenho peregrino,
 Que ao artifice humano muyto sobra,
 Cada pedra de si dá largo indicio
 De que aos rayos do Sol roubou o officio.

22

Das luzes he Monarca Phebo ardente,
 Como tal tem do Orbe o senhorio,
 Mas seu reflexo faz menos luzente
 Qualquer das pedras posta em desafio.
 Avista do curioso não consente,
 Que atento veja seu ardente brio,
 Que o resplendor, que cada qual desata
 O luzido cristal dos olhos mata.

23

Vinte & cinco cavallos vão à lestra,
 Costume antigo do supremo estado
 Os mais ligeiros, que Andaluz palestra
 Com exercicio raro tem deytado:
 Pendente redea, do moço laça à destra,
 A quem cada hum por si vay subjugado,
 E no terreno chaõ, com a leve pata
 Da boca pizaõ a espumante prata.

24

Raro sonido os ares vay rompendo
 Que os gigantes defatao de metal,
 Ecco pueril altivo vay dizendo
 Viva D. JOAM Rey de Portugal:
 Tremolantes bandeyras vaõ batendo,
 Qual se ondea o maritimo cristal,
 Geralmente em prazer tudo se troca,
 A terra com o celeste se equivoca.

25

Com Cruz alçada segue o Rey benigno
 Turba Sacerdotal, que o esperava,
 E por tanta graça, & favor divino
 O Te Deum laudamus alternava:
 Já fala ao Rey de tanto aplauso digno
 A dignidade mór, que alli se achava,
 Que reverente aos pès com pompa, & fausto
 Faz do desejo victima & holocausto.

26

Arco de ricas sedas revestido
 Quanto humana invenção póde intentar;
 Ve qual de Rhodes o colosso erguido
 As brilhantes estrellas a emular:
 Theatro Augusto Tribunal luzido
 Se obstenta no primór mais singular;
 Com galas da mais rica primavera
 Que na orbicular roda o bicho gera.

27

O de Daphenê bella fino amante,
 Que no Helicõne monte toca a lyra,
 E as redeas larga o Pegazo volante,
 Que de renhatê serve à sacra pira;
 Inda não vi orar tam relevante,
 Quando a nonna irmandade ardor inspira
 Com a policia modo, & amor sincero,
 Que o Rey Augusto fala o Juiz severo.

28

Supremo Rey [lhe diz o Juiz perclaro]
 De cujo grave gesto, & não iracundo,
 Treme o Tridente de Neptuno claro,
 E quanto em partes quatro espalha o mundo:
 Como Planeta quinto sois, se he raro
 O que vos não aclama sem segundo,
 Cujos raios de cá de este Emispherio
 Infunde esforço o de ultramar Imperio.

29

Por solio a vossos pés o Velho antigo,
 O que Scalabicaastro foy chamado
 Nunca hum seculo mais que outro vosso amigo
 Desejou sempre de servir postrado:
 Desde que contra o Mouro, que inimigo
 He da fé de JESUS crucificado
 Henrique pelejou com pio espirito
 Vos aclama Senhor Monarca invicto.

(19)

30

Aqui tendes as chavès deste Erario,
 Que agora Erario bem chamar se deve,
 Pois o preço regio de vosso sangue aurio
 De a thesourar agora a dita teve:
 Ninguem vedes Senhor, que tributario,
 A vossos pés o affecto vos não leve,
 E das mãos do que fala desta sorte
 Recebe as chaves da que entaõ fez Corte.

31

Pega no Palio com gentil primor
 Toda a nobreza, que o theatro enſerra,
 Recebendo o Monarca superior
 Aos que Imperaõ no ambito da terra:
 De branca tela con subtil lavor
 por mão obrada, que em laurear não erra
 Se adorna o Palio, & se mais reparo
 Não tem na Esphera o Sol docel taõ raro.

32

Quadrupedanté esquadra o vai seguindo,
 Horrido batalhaõ muy bem formado
 Todo da cor guerreira, que ferindo
 Publica guerra o Deus Mavorte irado:
 Temerozo clarim no ar zenindo,
 Pelas concavidades dando brado,
 Ecco feyo tremulò, & horrorozo,
 Que o solar rayo torna atrás medrozo.

33 Ta-

33

Tapeçaria bella está deitada,
 Da nobre galaria ao leve vento,
 Serve toda esta machina ilustrada
 Ao fememino sexo de apozento)
 Já toda a infantaria está formada,
 Da Ordenança antiga o regimento,
 Que paçando o Monarca Luzitano
 Disparam salva do Mavorcio cano.

34

Que pompa he esta que flagela o vento,
 Que a tanta admiração o peito incita?
 Parece que esse ethereo firmamento
 Dos exos desatado alli se agita:
 E se o mesmo não he, tanto protento
 Ninguem póde negar que raro o imita.
 Pois tal Diana brilha entre as estrellas
 Brilha a Rainha entre as damas bellas.

35

A Princesa do Reyno alta Senhora,
 Mais distante se vé, acção comua,
 Que sempre foy distante, & não se ignora
 O reflexo da Aurora, a luz da Lua:
 Passa o Rey Luzitano, que enamora
 Para diadema o Sol, posto na rua,
 Rendendo-se postrado, a que bem via.
 Dar a pezar de Phebo a luz ao dia:

(21)

36

Alli com culto igual já se veneraõ
 Hum ao outro em amorozo sacrificio,
 Os vivas, que com furia o ar romperão
 Delirantes sobiam ao Ethereo Ospicio:
 Já se defata o laço em que prenderão
 As Migestades, dando ao comprimicio
 Do vendado rapaz recta observancia,
 Que para regio amor permite a infancia.

37

Qual Aguia, que no Sol os olhos fita,
 Que aguda vista nelle firme enlaça
 Da que Santarem gente nobilita
 Do regio gesto nunca a vista passa:
 Naõ comum alvoroço a terra habita
 De ver no Rey supremo tanta graça,
 E desta sorte com alta soberania
 Foy dar graças com toda a fidalguia,

38

Raro melifro de cantor mais grave
 Faz palpitar no ouvido a voz canora,
 Ecco divino, que com terna clave
 Está qual Ruisenhor cantando Aurora:
 Coro Angelico obstenta cada nave
 Louvando o alto Deos, que a terra adora,
 Duvidavaõ o Rey, & a fidalguia,
 Se delles cada qual no Ceo se via.

39 Er-

39

Ergue-se o Rey do Solio; em que postrado,
 Graças estava dando a Deos immenso,
 Sagrada mão faz logo que insensado
 Seja do que compoem o fino Argenso:
 Já de fragantes fumos está banhado
 Que sabe vaporar o aurio incenso
 Imitador daquelle, que a Deos nado
 Por Mago Rey em Bethlem foy consagrado.

40

Da illustre fidalguia acompanhado
 Vem montar fóra no terranio bruto,
 Bruto terranio, que todo al voroçado
 O Rey festeja com segredo astuto:
 Pela rua espaçoza quasi irado
 Subir intenta os a res resolutos,
 E com aquelle, que en seu corpo impera
 Naó duvida talar a quarta Esphera.

41

No terreno, que praça o vulgo chama
 Deviza agente a altiva Magestade,
 Com voz altisonante alli o aclama
 Os que cativa tem a liberdade:
 A quem promete, como exelsa rama,
 Do tronco pio; a quem cortou a idade
 Libertalos do infausto cattiveiro,
 Os quaes remir só quer con seu dinheyro.

(23)

42

O agigantado Marte Luzitano, como ludo
 Raro ornamento novamente admira,
 Que entre subtil lavor blazona ufano.
 Ouro brilhante, que a immortal aspira:
 Por velo o que he terror do Castelhana
 Para a Esphera do ar o gesto vira.
 E para o melhor ver a redea dera
 Ao que Erculinio braço o não movera.

43

No humano peito fogo de amor arde,
 Que o affecto acender alli procura,
 Já de fino holocausto faz alarde
 A vontade, que ardendo alli seapura:
 Já não ha quem dos olhos cristal guarde,
 Que os incendios do peyto apaga, & cura,
 Pasma o Orbe de ver nenhum temesse,
 Que em tanto fogo, o coração lhe ardesse.

44

Alto edificio de dorica medida,
 Que a JESUS confagra religioso affecto,
 Já deligne a Rey, que alli detida,
 A vista hum pouco tem do regio objecto:
 Mais a diante passa, donde erguida
 Outra machina tem sabio architecto,
 O qual se invoca, com grandeza rara
 Da Mãe de Deos mais que o Sol preclara.

45 Qual

45

Qual como o Sol, que a rutunda Esphera
 Vay correndo no carro aselerado,
 Do Zenith desatando, quando o impera
 Do gesto ardente resplendor dobrado:
 Depois ao mar se entrega, adonde espera
 Diana dobre o seu manto estrellado;
 Tal corre a terra o Rey com ardor, & gregio,
 E o giro acaba no Palacio regio.

46

Já para o mausoleo, que a Thetis fria
 Empiras de cristal tem levantado,
 A Piroes & Flugon Apollo envia
 Com os outros dous dos rayos desmayado:
 Traçar capa de luto entaõ se via
 A Diana com passo aselerado
 Sendo de tanta pena triste assumpto.
 Ver nas margens do mar o Sol defunto.

47

Mas já vinha do Sol a preculora
 Do celeste alimpar a sombra obscura,
 Para que a luz do orbe embayxadora
 Lustrasse o mar, a terra, & a espesura
 Desata a serena Ave a voz canora,
 No frondozo arvoredado con ternura,
 O Monarca das luzes festejando
 Por lhe aplumante gala estar dourando.

(25)

48

Da terra, os habitantes sem sossego
 Se vem de novamente alvoroçados,
 Dando a comer os olhos doce emprego
 De ricas tellas & subtis boricados:
 Maravilha fatal? Porém não nego;
 Que são os mesmos lustres já passados,
 Mas como a pompa he tam soberana!
 Não se farta de a ver a vista humana.

49

Já a Aguia do Imperio se avistava
 No ninho, que tecer soube ouro fino,
 Tam clara, que só de ar a devizava
 Dos labios o coral mais peregrino:
 Essa Phebea luz se prateava
 No do gesto Real, candor divino,
 Toda agente que a vio temida esteve
 Não derreteffe o Sol taõ pura neve.

50

Em varios galhardetes trãs toucada
 De ouro em fio a medecha mais brilhante,
 Em cada fio trãs humia alma atada,
 Que cattivando as hia a cada instante:
 Húa estrella seus olhos que gravada
 Foy na candida Esphera muy constante,
 Mongibello parece em seus enlayos
 Por ser toda de neve, & obstar rayos.

51 Foy

51

Foy indiscreta acção parece indigna,
 A multidaõ de flores, que obstentava,
 Que como ella era flor mais peregrina.
 Toda a pompa de esoutras deslustrava:
 Porém detente penna, que me ensina
 O meu fraco discurso, que se ornava
 A Magestade regia em tanta flor,
 Por entre ellas brilhar por superior.

52

Fez termo a fermosura no portentõ,
 Que repartindo vay com o Sol ternura,
 Já Venus contra o Sol no firmamento
 Altetca qual lhe deu mais fermosura:
 O Sol diz, que lhe dera o luzimento,
 E Venus, que lhe dera a neve pura,
 E ella para dar não vinha escaça
 Resplendores o Sol, & a Venus graça.

53

De primavera azul vem revestida
 Qual seraphim em nuvem embaraçado,
 Toda de ouro brilhante guarnecida,
 Em que o regio diamante vem engastado:
 Vinha ella aquelle ouro dando vida,
 Que para dar lho a ella veyo errado,
 Pois he sem elle luzida, he estremada,
 E sem ella não brilha o ouro nada.

54

Já chega o tribunal dos Senadores,
 Já o Juiz por terra está postrado,
 Entregandolhe as chaves com louvores,
 Em que o coração deixa ir arado:
 Pegam no Pallio, que imitando as flores
 Estaõ as que Flora semeou no prado,
 Se bem estas em ouro tecom agora,
 O que em verde esmeralda cria Flora.

55

Naõ he a irmãa do Sol taõ venerada
 Da volante Republica sonora,
 Quando de brancas armas toda armada
 Ballas de prata vibra contra Flora,
 Como quando a Rainha sublimada
 Pela rua espaçosa rompe fóra,
 Aclamada mil vezes soberana
 Foy do nobre & plebe scalabitana.

56

A Magestade do sublime Rey
 Com culto reverente está postrada,
 Venerandoa porque he entre elles ley,
 Deixar qualquer acção remunerada:
 Como quem lhe dizia; aqui deyxei
 Satisfeyta com culto acção passada,
 A cortejava entãõ com alta prudencia,
 E ella o Rey, com a mesma reverencia.

57

Em o divino Templo entra a Rainha,
 E perante a do Ceo já está postrada;
 Do suave cantor, que alli convinha
 He soberanamente sublimada:
 Alli lhe canta o Sifne, que ja tinha
 Cantado a Magestade já passada,
 Cuja sonora voz está dando indicio,
 Que devertir lhe pôde o sacrificio.

58

Sahe do Templo toda acompanhada
 Das brilhantes estrellas, que a seguiaõ,
 Logo no Real folio entronizada,
 Os dous Ayos illustres a metiaõ:
 E como a lyra que de Orpheo tocada
 E levados acodem os que a ouviaõ,
 Para vela tambem do mesmo modo
 Acodem a multidaõ do povo todo.

59

Entra em Palacio, quando Delliõ ardia
 Com pouco esforço no Apollinio rayo,
 Já pedir sepultura a Doris hia
 The resurgir do misero desmayo:
 Mas quando para cima já sobia
 A Magestade, com funebre ensayo
 As estrellas o Ethereo matizaraõ,
 Pestenejando a luz que o Sol herdaraõ.

Agora o Musa minha, inspira ardor
 Para que narre a pompa peregrina
 Do Palacio Real, pois seu louvor
 Fará de aplausos a camena digna:
 A minha idea de subtil furor
 Por diques de cristal a Caballina,
 Para que a minha penna triunfante
 Tambem de Apollo divindades cante.

Em flor mil flores estaõ, que o debuxado
 Do artificial primor bem desimulaõ
 Nativa pompa em florido prado
 Desmente o brilhante ouro que acumulaõ
 Faz no subtil relevado o cuydado
 Crer que do aureo brocado as flores pulaõ,
 E destes sempre rarissimos brutescos
 Se adorna a Real sala dos Tudescos.

Rara tella de assombro revestida
 Pendura com primor a da Embaixada
 Adonde em sacro trono está erguida
 A pessoa Real, & entronizada:
 Da outra parte piramide luzida
 Tem a regia coroa levantada,
 E para as plantas do Monarca bello
 Estaõ dos coxins que adorna o terciopello

63

De lifongeira seda bem tecida
 Em outra o aureo leito se prepara,
 Ao qual eburneo pão com destra lida
 Marchita de lavor fabrica rara:
 Calida cuberta de ouro guarneçada
 A Magestade cobre mais preclara,
 E inda confessã ser por mais que ornado
 A tanto Sol o caso limitado.

64

Ricos panos adonde subtilmente
 Arduas façanhas pinta a tinta varia,
 Em rescunho subtil raro exfelente
 A sala cobrem com gala muy primaria:
 Nella tinha elevado toda a gente
 No doce emprego a vista tributaria,
 Que as batalhas crueis obstentaõ ufanos
 Que ao torpe Mouro deraõ os Lusitanos.

65

Augustos Reys se a tuba mais canora
 Em rouquecê aclamando vosso estado,
 Como em humilde verso quero agora
 Dalo em taõ fraca copia por cantado:
 Bem sey que idea mais subtil implora
 De tanta maravilha o fiel treslado,
 O atrevimento me perdoay sobejo,
 Que o elogio melhor foy meu desejo.

66

E tu o fementido Mauritano,
 Que meya luz menor no orbe imperas,
 Rendete ao Planeta Luzitano
 Que a quinta casa ocupa das espheras:
 Pois vejo te ameaça hum justo dano
 Quanta gente dominas torpes feras,
 Que em teu castellos a pezar de Marte
 Arvorará catholico estendarte.

67

Muda a perfidia em aura foscigada,
 De Christo a sacra ley procura inico,
 Se tua gente ques ver augmentada
 Em Catholico estado em auge rico:
 E se mais te detens desbaratada
 De catholica espada só te fico
 No mar irado ò inclemente terra
 Temido a vejas em sanguinea guerra.

68

E vós supremo Deos la do alto Ceo
 Em quanto o mundo nesta formadura
 Tiray do entendimento o obscuro veo
 Do que abraçar naõ quer vossa ley pura:
 Para que alcançar possa por tropheo
 Na gloria toda a humana creatura
 Ter a dita (Senhor) de vos louvar,
 E para eterno tanto bem gozar.

F I N I S.